

A presença de materialidade no rigor técnico

Ao primeiro olhar, o desejo é tocar a imagem. Sente-se a fina pele protetora envolvendo o tronco. Quase se exige o tato por parte do espectador, porém a matéria, aparentemente, mostra-se áspera e a textura do tronco também se dá a ver como repulsiva. A aproximação ao “modelo” e a representação de apenas um pequeno detalhe valorizam ainda mais essa visualidade quase tátil. Tal materialidade presente em *Adams 1, 2 e 3* mostra-se no rigor técnico desenvolvido por Christy.

Esse domínio da técnica lhe permite com certeza uma liberdade na construção das imagens. E também lhe proporciona maior facilidade e soltura para expressar nas gravuras sua criatividade e sua proximidade com a paisagem natural.

Christy em suas gravuras busca processos gráficos com os quais possa, mais perfeitamente, representar seus pensamentos. Procura, nos temas de sua preferência, detalhes que possam traduzir suas idéias enquanto explora na paisagem os grafismos próximos ao que deseja figurar e também ao que quer transmitir ao observador. Simplesmente escolhe tais motivos e técnicas para melhor expressar seus questionamentos.

Os valores dados às representações trabalhadas a partir da paisagem são em parte de origem contemplativa. A natureza explorada por Christy desperta no espectador o desejo de penetrar na imagem e envolver-se nesse ambiente, por vezes inóspito, mas também enigmático. Em algumas de suas gravuras existe uma espécie de película, uma atmosfera de certa forma velada, onde se cria um certo ambiente distante e *silencioso*. Notamos este tipo de acontecimento em *Shade*, quando o artista constrói na paisagem tal situação, muito particular de algumas regiões de floresta. Em realidade, a água se move. Podemos observar o movimento da água e o trajeto do rio, porém a “sombra” aparentemente permanece estática. Se viesse da natureza este acontecimento não seria real. A sombra encontra-se flutuando um pouco acima do nível da água. Vemos nessa situação um contraste na manipulação da imagem imposta pelo artista com a junção de diversas tomadas fotográficas.

Em *Shade* a paisagem mostra sua grandeza por meio de uma suavidade tranqüila, porém com possibilidades de explodir em segundos. Existe aí um *silêncio* próximo àquele antes de uma tormenta. Um *silêncio* provindo, com grande probabilidade, da personalidade aparentemente tranqüila e pacífica do próprio Christy. Aparente, porque a característica fundamental e particular de cada artista é a inquietude. Ele está sempre a procurar algo, que na verdade nem ele mesmo sabe o quê, mas tem a consciência absoluta de que busca algo.

Em suas inquietações relacionadas à linguagem gráfica, Christy está sempre tentando chegar a uma perfeição também de riqueza técnica, daí a presença da materialidade no resultado obtido. Ademais, a paisagem é apenas um componente para melhor desenvolver os artifícios gráficos. Tecnicamente rigoroso, porém, observa-se na escolha do tema e nos elementos trabalhados a presença de qualquer coisa de frágil, provinda deles mesmos, muito sutilmente, mas que está aí figurado nas representações. A própria matéria do papel – japonês, artesanal – propõe tal contrastante fragilidade.

Em *Metolius*, cujo nome vem de um rio da região central do Oregon, nos encontramos também diante de uma imagem verdadeiramente construída. O resultado provém da composição de diferentes recortes fotográficos realizados por Christy. A perfeição técnica proporciona visualmente uma forte presença de matéria, tanto no solo, quanto nos troncos, ou seja, na

representação como um todo. A qualidade realçada da textura colabora na intensidade de tal resultado. Em *Metolius*, no primeiro olhar, não se notam as ligações entre as partes na junção das várias imagens. Já em *Shade* torna-se, ao nos demorarmos um pouco, visível essa construção.

Enquanto isso, na série *Slash* a trama é construída de forma oposta exigindo uma maior habilidade das mãos. O meio utilizado é o da aquarela, porém realizada de maneira inversa, pois Christy trabalha o processo da monotipia para assim transferir a imagem ao papel, o que exige um grande labor por parte do artista. Em *Slash* a riqueza dos grafismos, absolutamente orgânica, oferece quase uma vida a esses pequenos detalhes - representações de galhos e árvores já destruídos.

Texto de Bernardette Panek